

FORMULAÇÃO COMUNICATIVA E DESENVOLVIMENTO TEXTUAL.

MARIA HELENA ARAÚJO CARREIRA

Universidade Paris VIII

A investigação que realizo incide sobre a formulação comunicativa e, de um modo mais preciso, sobre modalidades discursivas em ligação com formas de tratamento. Trata-se portanto de um estudo da expressão linguística de categorias semânticas ligadas à intencionalidade comunicativa, em situação interlocutiva. Com efeito, o locutor procura adequar a sua formulação linguística, simultaneamente em relação às suas intenções comunicativas e à situação concreta de interacção comunicativa. Nessa procura de adequação, a interinfluência exercida pelas produções linguísticas de cada um dos interlocutores constitui um factor de grande importância. Exprime-se nomeadamente através das formas de tratamento, que são assim marcas privilegiadas dos modos de interrelacionamento, tendo uma forte ligação com os "modos" de dizer.

Num estudo recente, analisei a expressão linguística da orientação atenuada do discurso do interlocutor, relacionando a expressão da "formulação locutiva", da "formulação modal" e do encadeamento dos enunciados.

As formas de tratamento e as fórmulas interlocutórias (formulação locutiva) utilizadas numa gradação de +distância → - distância, bem como o seu apagamento, combinam-se com enunciados isossêmicos que exprimem uma visão prospectiva, uma eventualidade (formulação modal). O encadeamento dos enunciados pela atenuação de fronteiras e pelo movimento duplo de cedência e nova orientação discursiva, contribuem também para atenuar a orientação do discurso do alocutário.

Na presente comunicação, a análise da expressão linguística de categorias semânticas ligadas à intencionalidade comunicativa, em situação interlocutiva, situar-se-á ao nível dos enunciados de ambos os interlocutores, no seu desenvolvimento textual. Os encadeamentos discursivos dos enunciados de cada locutor com os do seu alocutário, bem como os "movimentos" dialógicos serão assim abordados.

COMMUNICATIVE FORMULATION AND TEXTUAL UNFOLDMENT

The research I am doing is on the communicative formulation and, more precisely, on the discursive modalities related to ways of addressing. It is therefore a study of linguistic expression of semantic categories related to communicative intention, in an interlocutive situation. The speaker tries in fact to adapt his linguistic formulation simultaneously with his communicative intentions and with the specific situation of communicative interaction. In this search for adequacy, the interaction developed by the linguistic performances of the interlocutors is a very important factor. It is for example expressed by means of ways of addressing, which constitute privileged marks of ways of relating, intimately connected with "ways" of speaking.

In a recent study, I have analysed the linguistic expression of reduced orientation of the interlocutor's discourse, relating the expression of "locutionary formulation", "modal formulation" and concatenation of propositions.

The ways of addressing and interlocutory formulae (locutionary formulation) used in a gradation of + distance → - distance, and also its extinction, interact with isossemic propositions which reveal a prospective view, and eventuality (modal formulation). The concatenation of propositions also contribute to attenuate the orientation of the illocutionary act by attenuating the border lines and through a double movement of acceptance. In this communication the analysis of the linguistic expression of semantic categories related to communicative intention, in an interlocutive situation, will be assigned to the level of both interlocutors' acts, in its textual unfoldment. Each speaker's discursive concatenations of propositions to his listener's, as well as the dialogical "movements", will then be discussed.

O presente estudo pretende apenas constituir uma hipótese de trabalho, a partir de um certo número de reflexões que se apoiam numa análise parcial de um diálogo entre um motorista de táxi e um

estudante universitário (1).

Trata-se de um diálogo transcrito cuja pontuação muito provavelmente nem sempre estará de acordo com as intenções semânticas dos locutores (2). Apesar de algumas pausas estarem indicadas, a transcrição não nos fornece os elementos necessários para uma análise das modalidades prosódicas, essenciais para o estudo de uma "semântica global". Como escreve André Joly "les modalités prosodiques constituent des moyens d'expression extrêmement riches et encore insuffisamment explorés dans la perspective d'une sémantique global" (3).

A análise que vamos apresentar situa-se pois ao nível do diálogo transcrito.

Tentaremos apoiar as nossas reflexões sobre "formulação comunicativa" e "desenrolamento textual" numa análise de sequências de enunciados emitidos por dois locutores, em situação de diálogo.

A noção de "formulação comunicativa", desenvolvida por Bernard Pottier (4), reúne as formulações modal e locutiva, sendo a "formulação locutiva" definida por este linguista como "ensemble des classes de caractérisation du propos, par lesquelles le destinateur JE manifeste des relations avec le destinataire TU" (5), e a "formulação modal" definida como "ensemble des classes de caractérisation du propos, liées aux intentions du destinateur JE" (5).

A análise que propomos procura inserir o estudo da "formulação comunicativa" no estudo do desenvolvimento do diálogo. A abordagem dos encadeamentos discursivos dos enunciados de cada locutor com os do seu alocutário fundamenta-se na teoria semântica desenvolvida por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombe. A análise dos movimentos dialógicos além de se apoiar na teoria que acabamos de referir, apoia-se também, de um modo que nos parece complementar, na teoria de Bernard Pottier.

Segundo este enquadramento, vamos pois proceder à análise das

primeiras sequências de um diálogo (6) entre um estudante universitário, de 24 anos, e um motorista e proprietário de um táxi, de 44 anos, com um nível de instrução primária. O tema da conversa centra-se sobre alguns aspectos da vida do motorista de táxi.

Utilizaremos as seguintes abreviaturas:

L_1 - Locutor 1

L_2 - Locutor 2

Seq.1 - 1ª Sequência produzida

Seq.2 - 2ª Sequência produzida

etc.

N.B. Uma sequência é constituída por um número variável de enunciados, podendo reduzir-se a um enunciado.

En 1 - 1º Enunciado

En 2 - 2º Enunciado

etc.

En 1 de Seq 2 - 1º enunciado da 2ª sequência

En de Seq 1 - enunciado da 1ª sequência

N.B. Neste último caso a sequência reduz-se a um enunciado.

Analisemos as duas primeiras sequências, em que L_1 é estudante universitário e L_2 motorista e proprietário de um táxi.

L_1

Seq. 1 "E às vezes aparecem também clientes chatos..."

L_2

Seq. 2 "(...) Mas eu, sabe, eu te (...), eu tenho assim um jeito um bocado especial para os levar. Tenho, tenho. Tenho, porque eu já tenho apanhado aqueles bêbados, às vezes maçadores, não é, e então eu tento tudo por tudo para o levar pela melhor maneira, quer dizer, "Eh tal, é assim, assado". (...) "É preciso ter calma, vamos lá a resolver a coisa, da melhor maneira, e a gente resolve isso, quer ver, e tal". Depois eles, ou vão na minha conversa, ou não sei, sei que

eles de um momento para o outro quase que resolvem a coisa, e (...), e até me abraçam. E, e sei lá o que é que eles me fazem. E tou eu desertinho para me ver livre deles, não é. Faço tudo por tudo para me ver livre deles. E então eles acabam por ficar muito contentes comigo e acabam por se ir embora que é o que me interessa. É, é".

L₁ procura orientar o assunto da conversa e levar o seu interlocutor, L₂, a relatar experiências profissionais ligadas a determinado tipo de clientes, "clientes chatos".

Em En da Seq.1 a coordenação inicial e a suspensão final, combinadas com um apagamento da formulação locutiva e com uma construção genérica (verbo no presente do indicativo), modalizada ("às vezes"), sugerem uma inserção do enunciado no próprio discurso do alocutário (7).

A este movimento da sequência (Seq.1) de L₁, que propomos designar tentativa de fusão discursiva (8), sucede um movimento de apropriação individual de L₂, em relação à sequência de enunciados que produz (Seq. 2). Este movimento de apropriação individual é, em simultâneo, um movimento de demarcação relativamente à Sequência de L₁ (Seq.1).

Analisemos a expressão linguística do movimento de apropriação e de demarcação que acabamos de referir.

Os enunciados de L₂ que iniciam a sequência (Seq.2) têm uma forte marca de subjectividade, expressa pelo pronome de 1ª pessoa "eu" - repetido, além de se encontrar em posição de sujeito gramatical em que é omissível - e pela forma verbal de 1ª pessoa do singular "tenho", "tento" - também ela repetida no caso de "tenho".

Um EU que, em situação interlocutiva se dirige a um outro EU, a um TU/VOCE (v. forma verbal de 3ª pessoa do singular "sabe").

A forma verbal "sabe", esvaziada parcialmente do seu conteúdo semântico é, neste contexto, uma fórmula interlocutória "desperta[ndo]

a atenção ou traduzi[ndo] consideração" (9), "prepara[ndo] a fala" (10). Poderíamos acrescentar: sugerindo uma certa conviência.

L_2 demarca o seu discurso do de L_1 sem se lhe opor. Assim, a orientação que L_1 pretende imprimir ao diálogo encontra uma resposta positiva na sequência de enunciados de L_2 (relato de experiências pessoais).

L_2 inicia o seu discurso hesitando (v.(...)). Essa hesitação, que se prolonga no interior do 1º enunciado.

En 1 de Seq. 2 "(...) mas sabe, eu te (...), eu tenho assim um jeito um bocado especial para os levar" será um índice de dificuldades existentes na actividade psicolinguística de passagem do conceptual ao linguístico. Nesta perspectiva, a fórmula interlocutória "sabe" poderá ser interpretada como servindo de apoio a L_2 no desenrolar do seu próprio discurso.

Globalmente, poderíamos afirmar que o morfema inicial "mas" marca uma aceitação e uma oposição relativamente ao enunciado de L_1 : "[...] tout en admettant le contenu affirmé dans P, récuse les intentions argumentatives [...]" (11).

De um modo mais exacto, neste enunciado, o morfema "mas" introduz uma oposição relativamente às "intenções argumentativas" de L_1 , a uma possível "conclusão implícita" (12) do enunciado de L_1 , conclusão que poderíamos formular aproximadamente do seguinte modo: "o taxista é vítima dos "clientes chatos" ou "o taxista não domina a situação quando tem "clientes chatos"".

Recorremos aqui a um outro conceito teórico que nos vai permitir uma nova etapa na análise que propomos. Trata-se da noção de "TOPOS" desenvolvida por Jean-Claude Anscombe e Oswald Ducrot, no âmbito de uma teoria da argumentação na língua, a partir da noção aristotélica de "TOPOI". Passo a citar Jean-Claude Anscombe: "Aristote déclare, dans les Topiques, que le déroulement de tout discours est régulé, entre autres choses par des lieux communs, des

topoi. [...] Les topoi sont donc des principes généraux, admis au sein d'une collectivité plus au moins vaste: elle peut être la communauté linguistique toute entière, mais peut éventuellement être réduite à un ou deux individus, dans le cadre par exemple d'une discussion. Ces topoi servent d'appui au raisonnement [...] (13).

Destaquemos também um parágrafo da obra "L'argumentation dans la langue" da autoria de Jean-Claude Anscombe et Oswald Ducrot: "On a souvent noté que les argumentations effectivement accomplies dans le discours reposent sur des lieux communs ou des règles de "vraisemblance" (cf. les topoi d'Aristote) dont certains sont de nature argumentative, et déterminent ce qui peut se passer pour un argument valable. Par exemple l'adage Cherchez à qui le crime profite repose le lieu commun "si A avait intérêt à faire X, il y a des chances que A ait fait X" (14).

A sequência de enunciados de L_2 (Seq.2) parece-nos pois desenrolar-se a partir da oposição relativa a uma possível conclusão implícita da sequência de L_1 (15). Essa conclusão repousaria sobre um topos gradual (16) do tipo "quanto mais o cliente é chato mais difícil é a situação para o motorista de táxi" que L_2 supõe servir de apoio ao raciocínio de L_1 .

Assim, L_2 vai fazer suceder um outro topos do tipo "quanto mais o motorista de táxi tem jeito para levar o "cliente chato", tanto melhor domina a situação". Este topos, diferente do primeiro, vai permitir uma outra orientação argumentativa do enunciado que leva a uma conclusão do tipo "o locutor L_2 graças ao seu "jeito" domina a situação quando tem "clientes chatos".

Com efeito, "selon le topos mis en oeuvre l'O.A.E. (orientation argumentative de l'énoncé) est opposée: ce qui change, c'est le point de vue pris par rapport aux données chronologiques envisagées, l'orientation qui leur est imposée, bref, l'organisation du possible (17)".

O primeiro enunciado de L_2 (v. acima En 1 de Seq.2) exprime uma visão constatativa apreciativa (18). Essa visão será reforçada através da repetição de construções afirmativas, reduzidas à forma verbal.

En 2 de Seq. 2 "tenho, tenho".

seguida de uma construção causal que introduz uma justificação da constatação anterior:

En 3 de Seq. 2 "tenho, porque eu já tenho apanhado aqueles bêbados, às vezes maçadores, não é, e então eu tento tudo por tudo para o levar pela melhor maneira, quer dizer, [...]

De notar a passagem do plural "aqueles bêbados" ao singular "para o levar" que anuncia uma especificação da situação-tipo.

A expressão "quer dizer", introduzindo uma explicitação, abre uma nova fase na argumentação de L_2 que, como vimos, apesar de não negar o topos subjacente ao enunciado de L_1 , lhe opõe um outro topos, uma outra "organização do possível" que determina a orientação argumentativa de toda esta sequência (Seq. 2).

Em

En 4 de Seq. 2 "Eh, tal, é assim, assado"

L_2 relata o seu próprio discurso reduzindo-o à estrutura: vocativo + elementos extremos e complementares da situação.

A formulação locutiva expressa por um vocativo indefinido (exclamação seguida de uma forma nominal indefinida) e a construção atributiva (19) em que o predicado tem a forma de um complexo substantival ou adjectival (20) de conteúdo semântico não especificado, esboçam a estratégia de persuasão de L_2 , qualquer que seja o cliente.

A expressão "é assim, assado" propõe uma generalização máxima do conteúdo semântico dos predicados possíveis. Esses predicados especificadores poderão tomar a forma de complexos substantivais ou de complexos adjectivais.

A relação subjacente à voz atributiva é uma relação endocêntrica que Bernard Pottier define como "relation orientée du comportement vers l'entité, dans le propos" (21), sendo a entidade o "élément posant la relation binaire dans le propos, au niveau conceptuel" (22) e o comportamento o "élément présupposant dans la relation binaire du propos, au niveau conceptuel" (23).

A combinação de semas genéricos da formulação locutiva "eh tal" e da construção atributiva "é assim, assado" cria uma isossemia.

O enunciado "eh tal, é assim, assado" caracterizando-se por um elevado grau de generalização e, por conseguinte, por uma ausência de especificação, não provocará uma oposição da parte de L_1 quanto ao seu conteúdo semântico. Parece-nos tratar-se de um enunciado apresentador que, estabelecendo uma espera do enunciado de L_2 aos seus clientes, espera reforçada pela pausa (...), mantém vivo o interesse do alocutário.

Com efeito, só o enunciado seguinte poderá ser pronunciado por L_2 a um seu cliente. L_2 relata esse diálogo:

En 5 de Seq. 2 "É preciso ter calma, vamos lá a resolver a coisa da melhor maneira, e a gente resolve isso, quer ver e tal".

En 4 é um apresentador generalizante de En 5 e é neste enunciado que encontramos uma especificação de En 4.

Subjacente a En 5 temos um topos do tipo "quanto mais calma se tem, melhor as coisas se resolvem". Este topos é expresso desde o início do enunciado por uma expressão socioculturalmente aceite "é preciso ter calma". Através desta construção impessoal, L_2 cria uma plataforma comum entre si e o seu alocutário (cliente), situando ambos relativamente a uma "verdade" sociocultural.

Segue-se a forma verbal "vamos... a resolver", na 1ª pessoa do plural exprimindo uma ordem atenuada. A atenuação é expressa pela pessoa verbal ("nós", em que o locutor se inclui). O advérbio "lá" reforça o imperativo (24): "vamos lá a resolver a coisa".

Temos pois uma ordem primeiramente atenuada, em seguida reforçada. O reforço parece-nos ter a função de incentivo pois, fundamentalmente, a ordem é atenuada pelo próprio objecto: "resolver a coisa". De notar que a imediatividade da acção, expressa pela construção Pres. de IR+a+RESOLVER, em combinação com o advérbio "lá" vai no sentido de um incentivo à acção proposta.

O problema é apresentado pelo locutor como sendo o do alocutário (cliente), mas que o locutor está pronto a ajudar e a resolver "da melhor maneira". De notar o emprego do genérico "coisa" em vez de um lexema específico, como por exemplo "problema". O problema não é sequer nomeado. Temos aqui uma outra expressão linguística da atenuação.

Coordenada à expressão de ordem que acabámos de analisar, segue-se "e a gente resolve isso, quer ver e tal", consequência da obediência à ordem. Parece-nos tratar-se de uma outra expressão de atenuação de ordem: apresentar a consequência (positiva) da realização de uma ordem e não a própria ordem. A formulação locutiva expressa pela forma nominal "a gente" é caracterizada por um grau de familiaridade que não encontramos na forma verbal de 1ª pessoa (plural) precedente.

L₂ incita o seu alocutário (cliente) a cumprir a ordem dada a "nós"/"a gente", devendo agora o "TU" do diálogo seguir o "EU" (v. "quer ver"), já que numa primeira fase o "EU" apresenta-se como seguindo o "TU" (v. "vamos lá a resolver a coisa"). Seguem-se as modalidades desse cumprimento de ordem, expressas genericamente "e tal". L₂ inicia assim uma nova fase de generalização apostada na passagem do singular do especificador ao plural do generalizante:

En 6 de Seq.2 "Depois eles, ou vão na minha conversa ou não sei, sei que eles de um momento para o outro quase que resolvem a coisa, e (...), e até me abraçam, e, sei lá o que é que eles me fazem".

L_2 conta o encadeamento de acontecimentos que se sucedem ao discurso que dirige ao cliente ("Depois"). A construção disjuntiva "ou vão na minha conversa ou não sei..." apresenta a uma primeira análise uma alternativa para as razões do desenlace da situação. No entanto, o segundo elemento desta disjunção, "ou não sei", apoia uma interpretação a favor do primeiro elemento "vão na minha conversa" a favor, portanto, de L_2 .

O enunciado "sei que eles de um momento para o outro quase que resolvem a coisa", apresenta como elemento essencial a resolução do problema. "Resolvem a coisa" é o elemento focalizado pela construção "sei que" precedida de uma construção disjuntiva, em que o último elemento está na forma negativa ("ou não sei").

Os enunciados coordenados que se seguem "[...], e , até me abraçam, e, e sei lá o que é que eles me fazem" reforçam o elemento anteriormente focalizado, acentuando o carácter inesperado do desenrolamento positivo dos acontecimentos (bom entendimento final). "Até", "e, e sei lá, o que é que" são aqui elementos linguísticos de reforço.

O En 7 da Seq.2 "e tou eu desertinho para me ver livre deles, não é" introduz uma confiança de L_2 a L_1 : O "jeito um bocado especial para os levar" fundamenta-se numa aparência, num fazer crer.

A forma verbal abreviada, reforçada pela inversão de sujeito ("tou eu"), em combinação com a forma adjectival no diminutivo com valor aumentativo ("desertinho"), e com a expressão de "pedido de testemunho do ouvinte" (25) "não é" são marcas de linguagem coloquial familiar.

Parece-nos oportuno acentuar a relação entre o facto de L_2 fazer uma confiança e o registo familiar escolhido. Reforça-se assim uma interacção de L_2 pretende de conviência, de compreensão.

A confiança continua a ser expressa, no mesmo registo, em

En8 de Seq.2 "Faço tudo por tudo para me ver livre deles". A aparência de um bom entendimento entre L₂ e os clientes (v. relato dos diálogos entre L₂ e certos clientes) escondia uma vontade de L₂ se "ver livre deles". As modalidades da acção de L₂ "faço tudo por tudo" são expressas genericamente, através de uma construção reforçada, neutra ("tudo por tudo").

En 9 de Seq.2 "E então eles acabam por ficar muito contentes comigo e acabam por se ir embora que é o que me interessa" poderia encadear-se com En 6 (desta mesma sequência), quer do ponto de vista semântico, quer do ponto de vista sintáctico. A coerência do discurso manter-se-ia. Assim, os dois enunciados "confidência" de L₂ a L₁ (En 7 e En 8 de Seq.2) constituem como um à parte, no relato que L₂ nos faz das situações por ele vividas e das suas trocas verbais com certos clientes.

A primeira parte de En 9 de Seq.2 retoma esse relato no momento do desenlace final: a partida amistosa dos clientes embriagados graças ao "jeito um bocado especial para os levar" de L₂ ("E então eles acabam por ficar muito contentes comigo e acabam por se ir embora"); a segunda parte do enunciado conclui a confidência ("que é o que me interessa"), reforçada pelo enunciado seguinte

En 10 de Seq.2 "É, é".

En 9 e En 10 de Seq.2 justificam a pertinência da afirmação contida em En 1 de Seq.2 "mas, sabe, eu te (...), eu tenho assim um jeito um bocado especial para os levar", encerrando assim esta sequência de enunciados de L₂.

Não nos vamos alongar aqui na análise das sequências seguintes. No entanto, parece-nos interessante sublinhar o paralelismo das sequências de cada um dos interlocutores.

L₁ retoma a palavra para reorientar o assunto da conversa

En de Seq. 3: "E às vezes aparecem aqueles fregueses que entram

aqui para sair logo na rua seguinte ".

A construção sintática, de que destacamos a coordenação inicial, a escolha de vocabulário, o apagamento de formulação locutiva, a construção genérica modalizada, aproximam a Seq.3 da Seq.1.

A conjunção "e" podendo "agréger en une seule énonciation les énoncés qu'elle joint" (26) sugere um apagamento de fronteiras entre os enunciados de L_1 e de L_2 . L_1 apaga-se como sujeito enunciativo da Seq.3, sugerindo a existência de uma única enunciação que seria a de L_2 .

A este movimento da Seq.3 de L_1 de tentativa de fusão discursiva - segue-se um movimento de "apropriação individual" de L_2 da sequência que inicia (Seq.4).

Em 1 de Seq.4 "Oh, Jesus, isso também aparece, também aparece às vezes".

Assim, no que concerne os movimentos do diálogo, há um paralelismo entre o encadeamento de Seq.1 de L_1 e de Seq.2 de L_2 e o encadeamento da Seq.3 de L_1 e da Seq.4 de L_2 .

A dupla interjeição "Oh, Jesus" que inicia a Seq.4 é uma marca de forte subjectividade. No dizer de Roman Jakobson, "la couche purement émotive, dans la langue, est présentée par les interjections" (27). Expressando a sua subjectividade L_2 demarca-se da enunciação da Seq.3 de L_1 .

Apesar deste movimento de demarcação da sua própria enunciação relativamente à enunciação de L_1 , tal como na Seq.2, na Seq.4, L_2 segue a orientação da conversa sugerida por L_1 , isto é, faz um relato de experiências pessoais. De notar na Seq.3 de L_1 , a construção de um "hic et nunc" ligado a um presente de narração: "[...] aparecem aqueles fregueses que entram aqui para sair logo na rua seguinte" (sublinhado nosso).

A seq.4, à semelhança da Seq.2, é iniciada por uma marca de

subjectividade diferenciadora das enunciações de L_1 e L_2 . Mas imediatamente a seguir à dupla interjeição "Oh, Jesus", na Seq.4, L_2 introduz um enunciado, "isso também aparece, também aparece às vezes", que retoma de muito perto o enunciado da Sequência anterior de L_1 . Este facto pode relacionar-se com a interacção de compreensão e de convivência, subjacente à Seq.2 de L_2 .

Assim En 1 de Seq.4 é seguido de En 2 de Seq.4 "Mas eu não me chateio", em que L_2 admitindo o conteúdo do enunciado de L_1 não aceita a conclusão implícita e o topos que lhe está subjacente.

Segue-se

En 3 de Seq.4 "quer dizer, eu tenho um feito especial, até, eu tenho apanhado clientes, já hoje apanhei até, já hoje apanhei dois clientes, até uma senhora e um senhor, vejo-os a correr para os táxis"

iniciado por uma expressão de explicitação "quer dizer". Apresenta uma constatação apreciativa que, segundo o lugar comum (o topos) em que L_2 se situa, veicula um auto-elogio: "eu tenho um feito especial". Esta constatação é justificada através de um relato de situações vividas e de diálogos-tipo entre L_2 e seus clientes:

En 4 de Seq.4 "O senhor desculpe que é um serviço muito pequeno mas eu tou com muita pressa"; tá bem, sim senhor"

En 5 de Seq.4 "Ah, e tal, sabe é que há, há colegas que se arrelham e que fazem trinta por uma linha e tratam-nos mal"

En 6 de Seq.4 "Mas eu não sou daqueles que trato mal ninguém".

A simples leitura deste enunciado nos sugere o paralelismo da organização das seqüências 4 e 2 de L_2 .

Poderíamos mesmo afirmar que, como falantes do português - incluindo a componente etnosociológica -, reconhecemos, nas seqüências (de L_1 e de L_2) apresentadas, discursos "já ouvidos" e típicos de determinadas situações dialógicas.

Assim, apesar de a análise proposta se ter centrado em espe-

cial nas duas primeiras hequências, pensamos conter elementos de reflexão e de análise válidos para organizações discursivas e dialógicas semelhantes.

À maneira de conclusão, parece-nos poder destacar a articulação do estudo da formulação comunicativa, do encadeamento discursivo dos enunciados e dos movimentos dialógicos.

Pensamos assim ter mostrado ao longo da análise proposta:

- de que modo a coordenação sintáctica à esquerda ("e") e a pausa à direita, em combinação com o apagamento da formulação locutiva e com a construção genérica modalizada, contribuem para a expressão de movimento de aproximação do locutor relativamente ao alocutário (v. tentativa de fusão discursiva);

- de que modo, a partir de uma visão constativa apreciativa, se desenvolve um movimento duplo de aceitação e de oposição relativamente ao conteúdo semântico dos enunciados do alocutário e às suas intenções argumentativas, através de um relato, justificativo, de situações e de diálogos. À generalização (lexemas cujos semas são genéricos, construções impessoais) sucede uma especificação (passagem do plural generalizante ao singular especificador) e a esta uma nova generalização (expressão genérica da modalidade de acção);

- de que modo a atenuação da ordem expressa serve determinadas estratégias argumentativas;

- de que modo a escolha de vocabulário (registo familiar) reforça a interacção que o locutor pretende de conviência, de compreensão (v. confiança).

A abordagem que tentámos parece apontar-nos para o interesse de uma investigação em semântica linguística que tenha em conta a imbricação de fenómenos linguísticos, de per si complexos, em situação dialógica.

ANEXO

SEQUÊNCIAS ANALISADAS (1)

- E ÀS VEZES APARECEM TAMBÉM CLIENTES CHATOS...
- (...) MAS EU, SABE, EU TE (...), EU TENHO ASSIM UM JEITO UM BOCADO ESPECIAL PARA OS LEVAR. TENHO, TENHO. TENHO, PORQUE EU JÁ TENHO APANHADO AQUELES BÊBADOS, ÀS VEZES MAÇADORES, NÃO É; E ENTÃO EU TENTO TUDO POR TUDO PARA O LEVAR PELA MELHOR MANEIRA, QUER DIZER, "EH, TAL, É ASSIM, ASSADO". (...) "É PRECISO TER CALMA, VAMOS LÁ A RESOLVER A COISA, DA MELHOR MANEIRA, E A GENTE RESOLVE ISSO, QUER VER E TAL". DEPOIS ELES, OU VÃO NA MINHA CONVERSA, OU NÃO SEI; SEI QUE ELES DE UM MOMENTO PARA O OUTRO QUASE QUE RESOLVEM A COISA, E (...), E ATÉ ME ABRAÇAM, E , E SEI LÁ O QUE É QUE ELES ME FAZEM. E TOU EU DESERTINHO PARA ME VER LIVRE DELES, NÃO É. FAÇO TUDO POR TUDO PARA ME VER LIVRE DELES. E ENTÃO ELES ACABAM POR FICAR MUITO CONTENTES COMIGO E ACABAM POR SE IR EMBORA QUE É O QUE ME INTERESSA. É. É.
- E ÀS VEZES TAMBÉM APARECEM AQUELES FREGUESES QUE ENTRAM AQUI PARA SAIR LOGO NA RUA SEGUINTE.
- OH, JESUS, ISSO TAMBÉM APARECE, TAMBÉM APARECE ÀS VEZES; MAS EU NÃO ME CHATEIO. QUER DIZER, EU TENHO UM FEITIO ESPECIAL, ATÉ; EU TENHO APANHADO ATÉ CLIENTES, JÁ HOJE APANHEI ATÉ, JÁ HOJE APANHEI DOIS CLIENTES, ATÉ UMA SENHORA E UM SENHOR, VEJO-OS A CORRER PARA OS TÁXIS, "O SENHOR DESCULPE QUE É UM SERVIÇO MUITO PEQUENO MAS EU TOU COM MUITA PRESSA"; TÁ BEM, SIM SENHOR. "AH, E TAL, SABE É QUE HÁ, HÁ COLEGAS SEUS QUE SE ARRELIAM E QUE FAZEM TRINTA POR UMA LINHA E TRATAM-NOS MAL". "MAS, EU NÃO SOU DAQUELES QUE TRATAM MAL NINGUÉM. [...]

(1) Primeira sequência do diálogo 0426 dos arquivos do "Português Fundamental".

NOTAS

- (1) Diálogo recolhido e transcrito pela Equipa do Português Fundamental do Centro de Linguística das Universidades de Lisboa. Deixo expresso o meu agradecimento pela consulta que me foi facilitada.
- (2) "La ponctuation, plus au moins codifiée, oriente nécessairement vers une grille de lecture des textes qui est parfois en désaccord avec le sens d'intention des locuteurs. Inversement, les nombreuses pauses du discours oral ne sont pas - ne pouvaient pas être - marquées graphiquement. Sous ce rapport l'écart est grand entre le texte écrit et le texte oral" (A. Joly, 1985, p. 56)
- (3) A. Joly, 1985 p.57.
- (4) B. Pottier, 1974, cap. "L'hypothèse conceptuelle", p.41-49
- (5) Id., ib., p.324
- (6) Este diálogo tem o número codificado 0426 (arquivos do "Português Fundamental"). Em anexo apresentamos as sequências analisadas
- (7) Para uma análise mais pormenorizada deste enunciado, ver M.H. Araújo Carreira, a publicar
- (8) Este movimento poderia chamar-se tentativa de "enunciação dialógica", expressão utilizada por D. Coste (1985) e definida como "partage du rôle d'énonciateur d'un même énoncé entre deux ou plusieurs", p.149.
- (9) D. Maças, 1976, p.156 (Análise de "olhe" e de "oiça").
- (10) id., ib., p.213
- (11) O. Ducrot et al. 1980, p.127
- (12) J.- Cl. Anscombe et O. Ducrot, 1983, p.166
- (13) J.- Cl. Anscombe, 1984, p. 57-58
- (14) J.- Cl. Anscombe et O. Ducrot, 1983, p. 168
- (15) "[...] toute réalisation d'une phrase dans une situation déterminée, correspond toujours à au moins une visée argumentative [...] le locuteur y montre au moins un énonciateur auquel éventuellement il s'assimile cherchant à faire admettre quelque chose" in O. Ducrot, 1983, p.24
- (16) cf. J.- Cl. Anscombe, 1984, p.58
- (17) O. Ducrot, 1983, p.25
- (18) B. Pottier, ib., cap. "Les formulations" (2. Les axes modaux).
- (19) cf. "Voix attributives" B. Pottier, 1974, p.107
- (20) id., ib., p.323
- (21) id., ib., p.323
- (22) id., ib., p.323 (ver também p.42-43)
- (23) Segundo a teoria de B. Pottier, a base e o predicado são "composantes fondamentales de l'énoncé" (v. op. cit. p.320-321). A base preenche linguisticamente a entidade; o predicado preenche linguisticamente o comportamento. Lembramos que "enti-

- dade" e "comportamento" se situam ao nível conceptual (v. op. cit. cap.I, p.41-47)
- (24) cf. D. Maças, 1976, p.156
- (25) D. Maças, ib., p.223
- (26) O. Ducrot et al., 1980, p. 211
- (27) R. Jakobson, 1963, p. 214

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- ANSCOMBRE, Jean-Claude (1984) "Argumentation et topoi". In Actes du 5^e Colloque d'Albi, 1984, Argumentation et valeurs, 43-70
- ANSCOMBRE, Jean-Claude et DUCROT, Oswald (1983) - L'argumentation dans la langue, Paris, éd. Pierre Madraga (col. Philosophie et Langage).
- CARREIRA; M. H. ARAUJO (1985) - "Modalidades discursivas e formas de tratamento: uma abordagem", a publicar in Homenagem a J.G. Herculano de Carvalho.
- COSTE, Didier (1985) - "Enonciation dialogique et communication narrative". In Fabula 5, P.U.L., 149-152
- DUCROT; Oswald (1983) - "Operateurs argumentatifs et visée argumentative". In Cahiers de Linguistique Française 5, 7-36. Fac. des Lettres, Univ. de Genève.
- DUCROT, Oswald et al. (1980) - Les mots du discours, Paris, Les éditions de Minuit.
- JAKOBSON, Roman (1963) - Essais de Linguistique générale, Paris, Les éditions de Minuit
- JOLY, André (1985) - "Rhétorique et stratégie discursive. Analyse d'un discours présidentiel." In Fabula 5, P.U.L., 31-60
- MAÇAS, Delmira (1976) - "Fórmulas interlocutórias do diálogo no português moderno e coloquial". In Revista Biblos XLV, 153-266. Fac. de Letras da Universidade de Coimbra.
- POTTIER, Bernard (1974) - Linguistique générale. Théorie et description. Paris, éd. Klincksieck.

DEBATE

FERNANDA BACELAR. Primeiro, eu queria dizer que foi uma surpresa muito agradável que os textos do "Português Fundamental" estão a servir, como de resto é nossa convicção. E queria comunicar às pessoas que, precisamente porque é essa a nossa convicção, está pronto para publicação e está na tipografia, um conjunto, uma amostragem de 140 conversas gravadas e evidentemente transcritas que foram um décimo do nosso "corpus".

Mas especialmente o que eu gostava de dizer relaciona-se com uma sua primeira observação que é muito pertinente e que nos toca muito e que diz respeito aos problemas da transcrição.

É evidente que a transcrição põe problemas muito sérios e que um dos mais importantes para nós é a impossibilidade, de que estamos conscientes, de reduzir as marcas prosódicas e sinais de pontuação. E por isso mesmo se levantou um grande problema agora na publicação dos textos. Deveríamos fazer como algumas pessoas fazem, alguns grupos que trabalham sobre "corpus" de oralidade, isto é apresentar, publicar os textos sem qualquer sinal de pontuação, ou devíamos manter a pontuação que inicialmente adoptamos, embora todos estes textos tenham sido reouvados agora por um grupo mais restrito de pessoas para obtenção de uma uniformidade desses critérios.

Apesar de tudo, estamos convencidos de que os textos sem qualquer sinal de pontuação tornam-se quase ilegíveis e causam muitos problemas. Eu acho que este texto, que eu conheço de cor, é um texto que, de acordo com os nossos hábitos de leitura e de escrita, pode servir de exemplo para demonstrar isso mesmo.

Eu só dava este exemplo. Logo no final quando diz: "Ah, e tal, sabe, é que há colegas seus que se arreliam e que fazem trinta por uma linha e tratam-nos mal. Mas eu não sou daqueles que trato mal ninguém". Se não pusermos sinal de pontuação, se não pusermos qualquer sinal introdutório, a nível de reprodução do discurso directo mostrando

que uma vez ele reproduz o seu próprio enunciado e outras vezes está a reproduzir o enunciado do outro. Se não o fizermos, não fica de facto claro. E portanto considerámos que, a não ser que adoptássemos aqueles tipos de apresentação quase como na poesia, como alguns fazem, mudando de linha, o que seria muito complicado, considerámos que seria melhor optar pela pontuação. Conscientes de que os sinais de pontuação de facto não dão, nem pouco mais ou menos, ideia do que foi a entoação e todos os sinais, todos os elementos suprasegmentais. Mas, de qualquer modo, é evidente que há uma interpretação. Porque qualquer auditor interpreta. Portanto o transcritor interpretou. Interpretou assim e é por isso que eu acho ainda mais importante do que isto, dizer que, a partir de agora, vai ficar à disposição de toda a gente a audição dos textos.

O Centro já tem pronta a fonoteca. Por isso todos os textos, todas as gravações "Português Fundamental" estão a partir de agora à disposição de quem os quiser ouvir e de quem quiser comparar a sua própria interpretação com a interpretação do primeiro transcritor.